

Atividade de 05/08/2015 - PPGEA - Turma 2015/II - Pará

Questões sobre os vídeos:

1º Vídeo -

<https://www.youtube.com/watch?v=PmRpA88E9gg>

Aula aberta USP - Dívida Pública

Drª Maria Lucia Fattorelli

- 1) Primeiro tomem um analgésico, e depois, divulguem, busquem mais informações.
- 2) Você sabe qual é a situação do estado do Pará?

2º Vídeo - Economia e Educação -

<https://www.youtube.com/watch?v=rxsls0V3M3k&list=LLs9ZZrx8IkYMiuU7euLJSCA&index=2>

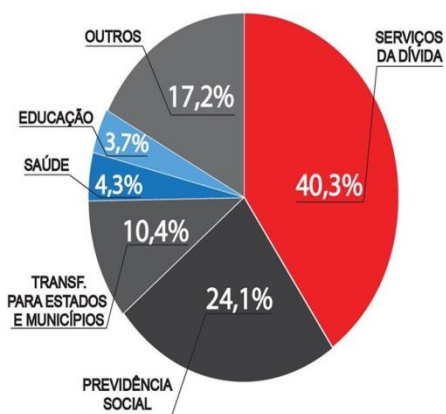
- a) Qual sua opinião sobre a afirmação feita aos 2:17 minutos?
- b) Você concorda ou discorda da afirmação sobre "imediatismo" aos 5:56 minutos?
- c) O salto dado pela Coréia do Sul teve influência de que fatores?
- d) A empresa finlandesa NOKIA produzia que tipo de produto, antes de produzir celulares?

3º Vídeo - Economia e Educação

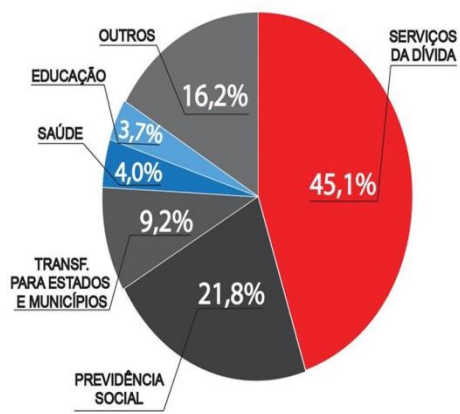
https://www.youtube.com/watch?v=JaXsu_O4CCw&list=LLs9ZZrx8IkYMiuU7euLJSCA&index=1

- e) Você seria favorável ou contrário ao aumento da dívida pública como mostrado aos 5:00 minutos?
- f) Qual a relação entre Educação e Economia?

ORÇAMENTO GERAL DA UNIÃO
EXECUTADO EM 2013



ORÇAMENTO GERAL DA UNIÃO
EXECUTADO EM 2014



ORÇAMENTO GERAL DA UNIÃO
PLOA 2015



Como será em 2020? Em 2040?

II.) Um outro ponto de vista:



Revista Espaço Acadêmico - Ano II - Nº 12 - Maio de 2002 - Mensal - ISSN 1519.6186

Economia e educação: um debate invertido

Estive recentemente, na condição de economista (pois as pessoas pensam que sou economista) em um congresso de educadores. Fiquei, desde logo, preocupado. Para defender a alocação de mais recursos para o setor, pessoas bem-intencionadas enfatizavam a influência positiva - a meu ver, bastante discutível - da educação sobre o crescimento econômico. "Que apoio a educação pode dar para a retomada do desenvolvimento?", foi a questão que me propuseram. Fugi dela. Pois, a meu ver, deveríamos perguntar exatamente o contrário: "Qual é o papel do crescimento econômico no apoio à educação?"

É claro que um projeto educacional exige meios, e isso envolve questões de economia. Mas, se colocarmos na balança o que é meio e o que é fim, não hesito em responder: economia é meio, educação é fim, e não o contrário. Em uma sociedade civilizada, o desenvolvimento econômico deve ser pensado como um estratagema útil e necessário, de que lançamos mão, para que as pessoas possam dedicar mais tempo de sua vida a buscar cultura, conhecimento, interação humana, prazer estético e transcendência.

A valorização dos espaços educacionais se tornou imprescindível para a própria sobrevivência da nossa espécie, o que nos remete a questões mais fundamentais. Não exagero. Ao longo da história, essa espécie tão frágil, que somos nós, que não voa, que não é especialmente ágil e veloz, que não vive em buracos, que não enxerga no escuro, que não é muito forte, essa espécie aprendeu a se proteger dos perigos externos - o frio, o calor, os predadores, a necessidade de encontrar alimentos -, que praticamente não a ameaçam mais. Para fazer isso, desenvolveu sua racionalidade técnica. Cada um de nós, colocado na frente de um urso ou um leão, não vale nada. Como portadores de uma técnica adequada, os derrotamos sem dificuldade.

O espetacular desenvolvimento da técnica permitiu que nos protegêssemos de todos os perigos. Ou melhor, quase todos. Porque uma espécie - e só uma - continua ameaçando seriamente a nossa existência. É a própria espécie humana. O risco que corremos no mundo contemporâneo não é o de sermos destruídos por causas externas. É sermos destruídos por nós mesmos, pela nossa incapacidade de viver juntos. Para enfrentarmos esse risco, a racionalidade técnica não vale de nada. Ao contrário, ela frequentemente se volta contra nós. A bomba atômica e os fuzis AR-15 são filhos dela.

Uma sociedade que enfatiza excessivamente a técnica e perde a capacidade de dialogar - ou seja, de estabelecer valores comuns, acordos, pactos, fins compartilhados e legítimos - é uma sociedade que se destruirá. Hoje, dependemos muito menos da racionalidade técnica, já bastante desenvolvida, e muito mais de fortalecer nossa míngua capacidade de estabelecer regras e normas de uma convivência civilizada. Eis o papel insubstituível da educação e dos educadores. No mundo contemporâneo, os sistemas educacionais são dos últimos espaços que restam, que podem ser espaços essencialmente comunicativos. Voltados para trabalhar valores e fins, para valorizar a comunicação dialógica e a própria linguagem centrada na palavra, a linguagem humana por excelência. Espaços em que as interações humanas continuam a existir sem que estejam dominadas pela unidirecionalidade e a velocidade, em que se formam grupos, em que se trabalha em escala controlável pela comunidade, em que se valoriza a memória, que são componentes essenciais de qualquer projeto civilizatório.

Se desejamos desenvolvimento, usemos a economia e a técnica, mas olhando para as pessoas. Elas são o centro de qualquer projeto sustentável. Os educadores é que sabem disso. Por isso, mais importante do que os economistas falarem para educadores, é que os educadores comecem a falar para economistas. Só merecerá ser chamada de civilizada uma sociedade que trate a educação como um direito subjetivo das pessoas, como uma prática voltada para alargar seus horizontes humanos, como um fim em si. E não como um instrumento para adequar as pessoas às necessidades de um mercado cada vez mais entouquecido, porque dominado pelo fetiche das coisas.

¹Publicado em <http://www.ecomm.com.br/carosamigos>

Olá Pessoal do Pará,

A apresentação dos vídeos teve por objetivo:

- Localizar a situação econômica do país, a sua origem e sua relação global (que afeta a todos nós);
- Apontar o financiamento da Educação no conjunto dos gastos e investimentos públicos;
- O enfoque econômico da Educação.

O texto teve por objetivo apontar uma outra direção ao olharmos a Educação. Sem dúvida, essas são apenas duas formas de abordagem e, de forma alguma as únicas, como vocês irão ver ao longo do mestrado.

Entretanto, como essas informações estão relacionadas à área de Educação e Meio Ambiente do PPGEA?

O PPGEA (na minha visão) se diferencia dos outros programas de pós graduação por ter seu foco em profissionais de instituições federais de ensino superior (IFES), que estão trabalhando em regiões brasileiras com Bens Naturais tão diversos, e em tal ordem, que são objeto de interesse econômico internacional. A capacidade do país em defender seu território da espoliação internacional, demanda informação, conhecimento e postura crítica da sociedade, e é principalmente na "escola" que essas demandas podem ser atendidas. Nas "suas escolas" essas demandas se revestem de urgência. O conhecimento e a informação precisa sair dos limites das escolas para a conversa no bar, para as reuniões das Câmaras de Vereadores, para as Leis Orgânicas dos Municípios,...

Não se enganem, estamos em guerra! Uma guerra de instituições (de) e países que já destruíram seus Bens Naturais a séculos, e que têm imposto a manutenção do fluxo constante e a baixo custo, dos nossos Bens Naturais. Instituições (de) e países que receberam em 2014, 45% do nosso PIB, e esse é obtido majoritariamente, pela exportação de matéria prima, que são bens não renováveis. Em 2014 exportamos: 344 milhões de toneladas de minério de ferro, 5 toneladas de ouro, 100 mil toneladas de nióbio, além de 37 milhões de toneladas de soja, 1 milhão de toneladas de carne, ... No caso da soja e carne, precisamos ainda levar em conta a água, a fertilidade do solo, ... que estão concentrados em cada quilo de soja, de carne, de laranja,...

Todas as atividades de extração e produção acima, dependem e afetam o ... Adivinha?!

Isso mesmo, afetam o meio ambiente, o mesmo meio ambiente que muitos países dizem que os brasileiros não preservam, não cuidam, Nós mesmos falamos isso, sem termos a clareza de que a questão ambiental no Brasil, sofre as mesmas mazelas da saúde, da educação, do transporte, da moradia, do emprego, da segurança,... Por quê? Primeiramente por conta de aceitarmos um modelo econômico tão perverso que transformou o Brasil (e outros países do 3º mundo), em "exportadores de capital" para os países de 1º mundo! Estamos exportando nosso meio ambiente desde 1500. São mais de 5 séculos!

Espero nos vermos mais prá frente,

Abraço a todos,

Nedda

UFRRJ, 05/08/2014